

CIDADANIA



Sinergia incentiva eleitores

O Sinergia está ocupando dez outdoors em Florianópolis para falar das eleições de três de outubro. "Não abra mão de sua cidadania. Vote", dizem os cartazes afixados nos pontos de mais circulação da capital.

A campanha é coerente com a proposta de "Sindicato Cidadão" que tem servido de slogan para a entidade. "É importante afirmar para a população a necessidade delas aproveitarem a eleição para dizer o que pensam, fazerem das eleições não um rito que se esgota em si mesmo, mas um momento de reflexão e ação para mudar a sociedade", explica Mauro Passos, presidente do Sinergia.

A diretora do sindicato, Margarida Sampaio, comenta que é comum as pessoas acharem que anulando o voto fazem um protesto. "Isso é um engano, pois os políticos oportunistas e carreiristas é que acabam ganhando espaço com suas práticas tacanhas. Se as pessoas conscientes se omitem

nosso destino está selado como tragédia".

Mauro argumenta, ainda, que é importante que os sindicatos assumam este tipo de campanha pela cidadania. "Já passou o tempo em que bastava aos sindicatos lutar por melhorias de vida para um categoria restrita. Hoje todos têm claro que não é possível melhorar as coisas em uma só empresa, há que se promover mudanças de sentido democrático em toda a sociedade, para que todos os trabalhadores tenham uma vida melhor. O resto é ilusão", dispara o sindicalista.

"Nosso sindicato participa do Conselho municipal de Transporte, do Comitê pela Ética na Política e de várias articulações de caráter social e político, não poderíamos deixar de incentivar a população a agarrar com todas as forças o direito do voto e depositar nas urnas a sua vontade de mudar a cidade, o estado e o país", finaliza Margarida.

IMPEACHMENT

Novo protesto na capital

Enquanto o Supremo Tribunal Federal votava em Brasília a maneira como será encaminhada no Congresso a votação do impeachment de Collor, em Florianópolis uma manifestação com cerca de 1000 pessoas percorreu o centro da cidade.

Mais uma vez os rostos pintados dos estudantes e as roupas pretas deram o clima. Os gritos de protesto contra Collor, PC e seus outros parceiros deram o ritmo alegre para o ato organizado pelo Comitê pela Ética na Política.

O resultado da votação do Supremo se estendeu além do horário de fechamento desta edição.

Linha Viva é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares semanais. Diretor Responsável: Dinivaldo Gilloli. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scamazzon. Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do Jornal O Estado. Redação: rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP 88015-030. Fone: (0482)22-3866. Telefax: (0482)23-5596. Telex: 481555. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

LABORATÓRIOS



Celesc abre mão da qualidade

Uma das filhas mais queridas da impunidade é a falta de vergonha. Apesar das denúncias do Sinergia, a Celesc está com uma licitação na rua - para escolher o laboratório que fará os exames periódicos - sem exigir atestado de controle de qualidade dos concorrentes. A licitação foi aberta sexta-feira passada.

Tudo começou em junho, quando o sindicato soube que a Celesc não estava realizando exames de saúde periódicos. Segundo a lei estes exames, além da periodicidade, devem ser pagos pela própria empresa.

Descobriu-se então que em abril havia sido feita licitação para estes serviços, ganha pelo Laboratório Santa

Luzia, mas anulada. Atrás dos motivos da anulação, conversamos com o médico João Nilson Zunino, responsável pelo Santa Luzia, que contou o que aconteceu. Zunino ficou sabendo que um político catarinense, que trabalha em Brasília, não gostou dos termos da concorrência porque ela pedia atestado de controle de qualidade - uma antiga reivindicação sindical. O político quer que um amigo seu, dono de um laboratório sem o tal atestado, participe e ganhe a licitação.

Jorge Petry, na época diretor administrativo e responsável pela anulação, disse que o cancelamento se deu "independente das pressões políticas". Afirmou

também que a nova licitação seria feita "dentro das normas, mas sem rigidez".

Na época conversamos também com Miguel Christakis, dono do laboratório que sempre fez estes exames para a Celesc, e que não pode participar da concorrência por falta de controle de qualidade. Christakis falou que estava "aguardando novos procedimentos para voltar a participar da licitação".

O Sinergia mais uma vez questiona: porque se mudou os critérios, porque a empresa retirou a exigência do controle de qualidade? E exige que os exames passem a ser feitos imediatamente, como determina a lei.



Secretárias vão à luta

Cerca de 50 secretárias da Celesc se reuniram na tarde de quarta-feira. Elas se sentem traídas pelo Sindicato das Secretárias. Na reunião decidiram tomar providências para que só venham a ser representadas pelo sindicato majoritário. O principal motivo da revolta é que a assembleia do Sindicato das Secretárias se limitou a uma convocação através do Diário Oficial que possibilitou o desconto de 8% de todas secretárias.

Transferências perigosas

A Eletrosul, seguindo sua prática autoritária de gestão, está fazendo transferências de seu interesse, querendo caracterizar "interesse mútuo" com o objetivo

de não pagar as seis remunerações obrigatórias.

Ações da Sade não valem nada

A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investiga o Esquema PP, descobriu que o Fundo de Pensão da Caixa Econômica Federal (Funcef) comprou 11,5 bilhões de ações da Sade Engenharia, no momento que estes papéis estavam completamente descredenciados no mercado - à exemplo do que aconteceu em Elos e em vários outros fundos. E em todas elas o lote de mil ações foi vendido por 0,19 dólares e valem hoje 0,07 dólares. A CPI além de promover diligências nestes fundos, vai pedir à Justiça a quebra de sigilo bancário de todas pessoas envolvidas em transações prejudiciais aos fundos de pensão.

CONTRADIÇÃO

Brasileiro produz muita comida, mas não come

Atualmente a produção agrícola brasileira está em 35% do Produto Interno Bruto. Isto é conseguido graças ao esforço de 25% da população do país e nestes 25% se concentram metade dos pobres da nação que, apesar de produzirem alimentos, passam fome.

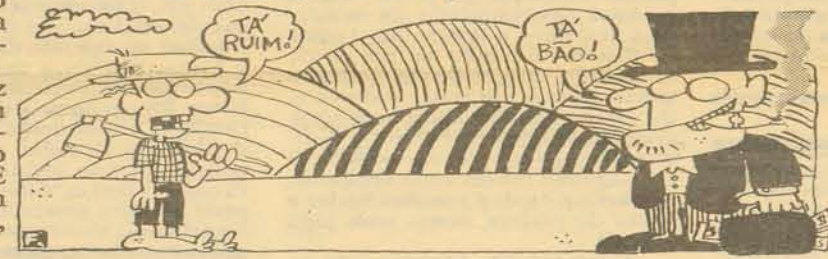
O agricultor nacional colhe anualmente 65 milhões de toneladas de grãos, 20 milhões de toneladas de mandioca, produz 12 bilhões de litros de leite e outro tanto de álcool, entre os itens mais importantes. Cerca de 25% desta produção é exportada e gera divisas da ordem de 10 bilhões de dólares/ano.

Os grandes empresários dos negócios agroalimentares pagam um salário médio de 50 dólares mensais e não assinam carteira de trabalho de 80% destes trabalhadores. De outro lado os pequenos produtores (com propriedade entre zero e 50 hectares), produzem em 1980, 78% da mandioca, 66% do feijão, 58% da batata inglesa, 80% da cebola, 56% do milho, 53% do algodão, 60% do

tomate. Eles geraram 40% do valor da produção agropecuária, com apenas 25% dos recursos. Os grandes, com 50% dos recursos, responderam com 38,5% do valor da produção.

Terra Produtiva - Uma pesquisa realizada em novembro de 91, por uma universidade gaúcha, constatou que em oito assentamentos na região de Cruz Alta, onde antes havia fazendas de pecuária, o aproveitamento da terra saltou de maneira impressionante. As fazendas, antes do assentamento, tinham 4.850 cabeças de gado, o que dava uma produtividade de 0,32 cabeças por hectare.

Os assentados, além de produzirem 85 mil sacos de trigo, 459 mil sacos de soja, milho, mandioca, arroz, feijão, abóbora, batata-doce, etc elevaram o rebanho para 5.730 cabeças. Dos 214 empregados da época da pecuária, a área passou a gerar 4.406 empregos. Cada cruzado investido nesses assentamentos, gerou Cr\$ 2,69 em impostos, ao contrário dos recursos a fundo perdido dado aos latifundiários.



Vigilantes em greve

Há nove dias os vigilantes de bancos do Estado estão em greve. O piso da categoria é de Cr\$ 727 mil. Eles querem 28% retroativos a fevereiro, mais 100% de INPC de julho a agosto, que elevaria o piso para Cr\$ 1.503 mil. Os patrões até agora além de não reconhecer o movimento, não sentaram nenhuma vez na mesa para negociar, não oferecem nenhuma contraproposta e estão colocando faxineiros para substituírem os grevistas. A adesão maior da categoria de seis mil trabalhadores é em Criciúma, Itajaí, Joinville e Florianópolis.

Municipípios podem parar O prefeito da capital, Bulcão Viana, apresentou para os municipais uma proposta de 21% de reajuste para setembro, que faria o piso sair de Cr\$ 315 mil para Cr\$ 625 mil, considerando um abono de

Cr\$ 202 mil. Os empregados da prefeitura querem uma reposição de 515% até dezembro e vão esperar até hoje, quinta-feira, pela resposta do prefeito, para decidir pela greve.

Mulher: corpo lesado e maltratado

As mulheres brasileiras não tem do que se orgulhar. Segundo levantamento da Pastoral da Saúde, 16,7% das mulheres no Brasil sofrem lesões por acidente ou violência; 4% são assassinadas; 3,1% se suicidam e 15,7% sofrem de câncer típico de populações sub-desenvolvidas (colo de útero e mama). A gravidez é a quarta causa de morte em adolescentes. A Pastoral da Saúde pode ser contatada na Regional Sul da CNBB (Rua Arno Hoeschel, 76 - Fpolis).

TRIBUNA Livre

Mediocridade e modernidade

Deiman Ferreira
Diretor do Sinergia

As transformações que ocorrem no mundo neste final de século, tem levado a análises desde as mais esdrúxulas como "a História acabou", até as mais oportunistas como as que se aproveitam para impor o que chamam "neo-liberalismo", que podemos traduzir com uma nova forma de liberalizar a expropriação do Estado e a exploração dos Homens.

Preferimos nos aliar aos que compreendem que a sociedade é PLURAL. E que PLURALIDADE significa a convivência dos contrários, o respeito às minorias e às individualidades. Preferimos nos aliar aos que compreendem que a única forma de resolver conflitos é a NEGOCIAÇÃO. No entanto, no país do cinismo, ainda grassam a prepotência e a mediocridade.

Infelizmente, nossas elites não compreenderam o que se passa no mundo, só se aperceberam das novas formas de exploração e de subjugação. Por isso, continuamos e continuaremos muito tempo atolados no atraso.

Trazendo a conversa para esta parte do mundo circundada pela Celesc e Eletrosul, deparemos com um quadro trágico. Encontramos empresas de maior seriedade e

Pensam que podem montar cadeias de brinquedo eletrônico e tentar fazer dos empregados um bando de teleguiados.

cos, só para satisfazer o ego e tentar fazer dos empregados apenas um bando de teleguiados.

Aliás, vamos abrir um parêntese para comentar: existe alguma coisa mais medíocre e deprimente do que o presidente de estatal, no afã de informar na frente do sindicato, vir a público anunciar uma forma de reajuste de salários e, depois, desautorizado pela Eletrosul, ter que voltar para se desdizer e, para não ficar muito feio, tentar iludir os empregados distribuindo aquilo que já é deles, através do adiantamento do 13º salário? Fecha parêntese.

Neste momento de datas-bases, este quadro de mediocridade que dirige as empresas nos causa um problema sério. Os sindicatos majoritários estão preparados para negociações de alto nível. Estamos debatendo com ministros, com estudiosos de vários países, estamos no Congresso Nacional e em diversos fóruns, até mesmo no BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) debatendo as reformas do Estado Brasileiro. No entanto, ao sentarmos para debater e negociar os interesses dos empregados da Celesc e Eletrosul, nos deparemos com interlocutores despreparados e que mal conseguem balbuciar um autoritário NÃO a cada reivindicação e que se utilizam de manobras ultrapassadas, velhas conhecidas de todos, para atrapalhar as negociações.

Queremos dizer a este pessoal que se acha muito espartilho: saiam da frente, o mundo não comporta mais mediocridade, vocês estão ultrapassados, as táticas de vocês estão ultrapassadas e velhas, não adianta se utilizarem de sofisticados recursos eletrônicos, pois quem não tem o que dizer, quando tenta se utilizar da velocidade da ciência, só faz ampliar o ridículo.

O Brasil precisa de homens sérios. Um país só é forte a partir de uma sociedade civil forte, e é isso que queremos e para o que estamos nos preparando, um país que expurgue a mediocridade e a breiguete, uma sociedade forte e moderna.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias devem ser remetidas para a redação assinadas, datilografadas e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

O que é "realidade atual"? Para todos fins práticos, é um discurso que pretende dar conta dos acontecimentos desordenados à nossa volta. Pouco importa que tal discurso realmente reflita a totalidade desses eventos: pode corresponder a alguns deles, a muitos ou a nenhum. No entanto, convencidos de que a realidade é esta ou aquela, os homens passam a agir como se a versão da qual se convenceram organizasse o fluxo confuso dos eventos. E essa convicção se traduz em votos, em produtos, em esperanças e, mesmo, em desespero.

Assim, diz-se que a realidade atual reflete a vitória da economia

fato. A disputa pelo supérfluo, pelo luxuoso, jamais é tão acirrada quanto aquela que se trava em torno da alimentação, da posse da terra, da educação e da saúde. Milionários não se matam por um Rolls Royce nem se tem notícia de greves causadas pela baixa safra anual de caviar.

O poder que se esconde por trás da religião do mercado sabe há muito tempo dessas limitações e se esforça em contorná-las administrando carências simbólicas. As cidadelas do consumismo são aqueles setores em que se apreçoam não os produtos, padronizados em sua utilidade, mas simulacros de poder, de liberdade,

mente aferida por computadores que projetam cenários e aferem taxas de risco?

Não nos postos de gasolina, meros pontos de venda subministrados pelas distribuidoras porque é mais barato terceirizar o negócio de varejo do que gerir extensas redes de atendimento ao público; nem nas companhias aéreas ou bancos, cuja competição, onde quer que não seja fictícia, terminará com a liquidação dos mais fracos, como já observava Pio XI na encíclica *Quadragesimo anno*, editada em 1930.

Talvez em certo comércio que especula com estoques e moeda. E,

na pobres, mas não a pobreza (aqui mesmo, no Brasil, a taxa de fecundidade caiu de 6,3 para 3,13, o crescimento demográfico de 2,8 ao ano para 1,8 e o número de menores abandonados aumentou na proporção inversa); a apropriação dos territórios virgens, como a Amazônia e a Antártica.

BIG STICK

Como em Versalles a Ialta, fracassos históricos da diplomacia ao fim das duas grandes guerras, estrutura-se a entente, não a paz: o Conselho de Segurança da ONU - sem que nele ainda sequer estejam representadas potências hegemônicas como Alemanha e Japão - aparece comandando exércitos de que não dispõe para operações militares à maneira do big stick americano: covardes, sanguinárias e inúteis. No Brasil, o poder é devolvido aos segmentos que o controlavam até a revolução de 1930: os tradicionais grupos de importação e exportação, com seus bancos e trapiches, suas suntuosidades e bizarrarias - gente com os pés fortemente plantados aqui e a cabeça em algum lugar bem caro do primeiro mundo.

A velha tese de que é melhor importar do que produzir volta à cena. Pelo menos, tem tradição: foi ao aceitá-la que Portugal se condenou, no século XVIII, a ser o jardim da Europa à beira mar plantado com pás, tesouras e picaretas inglesas; foi com ela que o Marquês de Pombal, no reinado de D. Maria I, a louca, proibiu a metalurgia e a impressão de livros em terras brasileiras; foi em nome dela que se atiraram ao rio as máquinas de tecer de Delmiro Gouvêia, morto por jagunços quando insistia, no fim da Primeira Guerra Mundial, em competir no livre mercado com os industriais de Manchester.

SUBMISSÃO

O tema incendia as crônicas de Lima Barreto, reunidas em livros cujos títulos refletem o sentimento de autocomiseração e de desprezo pelo País também ressuscitado em nosso dias: *Coisas do reino do jambô*, *No país dos Bruzungangas*. Barreto era triste, marginal por opção, culpando sempre alguma coisa - a falta de graduação universitária ou a pele mulata - pela vida não lhe ter dado o reconhecimento que merecia; achava absurdo que criassem taxas cambiais para proteger fabricantes nacionais de louças grosseiras e panos de chita quando mais bem servidos estariam os consumidores com porcelanas e linhos da Europa. Se trocarmos os nomes das mercadorias para, por exemplo, computadores, teremos a fala dominante em nosso dias, repetida mesmos pelos nossos fabricantes de louça finíssima e toalhas as mais felpudas do mundo - herdeiros daquelas cerâmicas e tecelagens primitivas.

País de merda é aquele em que o povo acredita que vive num país de merda.

A fabricação da realidade

Nilson Lage
Jornalista e
Professor
da UFSC

de mercado. Uma estranha vitória, celebrada em plena depressão, em que não há, efetivamente, o que comemorar. Na verdade, o mercado nos impõe, quase sempre, a escolha entre produtos equivalentes e nos propõe, por insondáveis desígnios dos produtores, a opção entre um Santana e um Mitsubishi importado, quando os maiores salários do País são compatíveis com um Uno ou um Lada.

MERCADOLATRIA

Com o culto do mercado, a mercadolatria, afloram crenças que degradam a espécie humana. Seríamos consumidores insaciáveis. No entanto, menos de vinte anos de abundância bastaram para que os europeus racionassem por si mesmos seu consumo de gorduras e farináceos, preferindo a bolos e frituras alguns prováveis anos de vida a mais. Onde quer que a fartura se tenha instaurado, hábitos racionais de consumo substituem os desejos supostamente instintivos de consumir cada vez mais; onde quer que a vida valha a pena ser vivida e o futuro se apresente como decorência lógica do investimento no estudo, no amor e no cuidado com a crianças, são os casais e não organizações financiadas pelo grande capital que decidem o planejamento das famílias.

Como observa Ernest Mandel, não é verdade que as pessoas tenham fome porque receberam seu salário e os pratos do restaurante são apetitosos; elas têm fome de qualquer jeito. Não tomaríamos um purgante sem necessidade ainda que custasse menos do que um fósforo, nem trocaríamos nossos fígados sadios se a cirurgia estivesse em oferta. Em suma, as necessidades são até certo ponto ditadas pela cultura e pela tradição, mas existem de

de segurança, de beleza ou de amor. A indústria da carência - que inclui a publicidade, mas não se resume a ela - permite à indústria de bens e serviços planejar sua produção com garantia de escoamento. E o planejamento é a lógica do nosso tempo, a contradição fundamental do capitalismo tardio.

ILUSÕES

Ao contrário do que acontecia no mercado de bens concretos - e ainda acontece, por exemplo, no setor de bens de produção, como grandes máquinas industriais -, neste outro não se vendem apartamentos, mas paisagens e vizinhanças; não se vendem roupas, mas estilos; não se vendem passagens, mas fugas ilusórias. Isso permite fixar o preço com desprezo pelo poder de compra dos consumidores, que é calculado e explorado até o limite nas diversas versões projetadas da mercadoria. Porque, infelicitadas por uma vida angustiante e sem sentido, as pessoas trabalharão horas incontáveis, amargarão dívidas e suportarão humilhações na esperança de confortar-se e ter destino.

A livre concorrência, exposta pela ideologia na exata medida de sua exclusão da realidade, resiste, como o artesanato na era da indústria, em ocupações marginais, que, por isso mesmo, tendem a tornar-se inviáveis: o quitandeiro que enfrenta, a despeito da economia de escala, o dumping dos supermercados; o professor free lancer que dá aulas particulares em casa, como no tempo dos preceptores; a prostituta que dispensa a proteção da máfia dos gigolôs, dos seus amigos na Polícia. Onde mais poderia existir livre concorrência, neste mundo de monopólios, oligopólios, cartéis, tráfico de influência e investimentos com rentabilidade milimétrica-

como simulação, em situações como a da grande empresa que dá desconto por rodízio a seus revendedores na mesma praça e até imprime outdoors para que todos tenham oportunidade de vender com desconto, a seu tempo, a pasta de dentes ou o leite em pó; ou do fabricante de geladeiras que põe várias marcas em seus produtos e, de vez em quando, lança uma nova, para fingir que trava com ele mesmo feroz guerra de extermínio. O pressuposto desses espetáculos de marketing é que é possível burlar a razão da platéia, como num jogo infantil.

Certamente, aqueles que se convenceram de que economia de mercado venceu a guerra, sem sequer tê-la travado, desligaram a censura do bom-senso. A figura de um rapaz chinês meio doido que se plantou na frente de um tanque de guerra - insensatez que qualquer mãe puniria com palmadas - virou símbolo de bravura: pedaços do muro de Berlim estão guardados em museu e porta-jóias como se fossem relíquias do Santo Lenho.

VIDEOGAME

Os vencedores desse conflito de videogame impõem suas regras: a divisão internacional das tarefas, de modo que nos caibam as mais penosas, sujas e mal pagas, e aos europeus e americanos brancos as mais assépticas, criativas e rendosas; a fragilização e o desmonte dos estados nacionais periféricos, seja o Brasil em crise permanente, seja a Iugoslávia que se despedaça; o privilégio de paradoxos biológicos, étnicos e existenciais (homens X mulheres; negros X brancos; homossexuais X heterossexuais) sobre contradições reais, ditadas pelas condições objetivas da vida; a esterilização de mulheres, que extermi-